

## UMA PROPOSTA DE LEITURA

A leitura que fazemos do mundo à nossa volta, como dos bons livros que o mercado nos oferece, depende muito das lentes que usamos e das perspectivas em que nos colocamos para os abordar. O mundo que observamos por um microscópio não é o mesmo que analisamos a olho nu, nem o que exploramos espreitando pela ocular de um telescópio. O mundo que contemplamos do alto de uma montanha, quando prestamos atenção a um mesmo lugar, não é o que vemos a partir da base dessa montanha ou a partir de outra montanha situada em posição oposta. De facto, mesmo para compreendermos a forma de um simples objecto tridimensional temos de o olhar pelo menos por três perspectivas ortogonais. No caso de um objecto mais complexo, como uma casa, não só recorremos às três perspectivas mas também a múltiplas outras vistas, proporcionadas por cortes e mudanças de escala. Não surpreende, por isso, que a leitura de um mesmo bom livro se preste, afinal, a tantas e tantas leituras distintas, conforme as lentes que usamos e as perspectivas segundo as quais a encaramos. Compreende-se, também, pelas mesmas razões, que possamos ter muito a ganhar ao ler uma mesma obra não uma vez, mas várias vezes, desde que o façamos segundo as vistas diversas que as lentes e perspectivas da cultura e da teoria hoje nos oferecem.

O convite que aqui faço aos leitores de “E-Conteúdos para E-Formandos” é o de, numa das muitas leituras que por certo farão deste excelente livro, procurarem explorar uma perspectiva distinta das que hoje são tradicionais. O que sugiro é que se aventurem numa exploração que tenha em conta a perspectiva da complexidade e do pensamento sistémico. A tradição ensinou-nos a construir a nossa compreensão do mundo classificando em categorias tudo o que vamos conhecendo, identificando causas e consequências e decompondo em partes tudo quanto se nos afigure complexo. Ora a complexidade social e tecnológica do mundo global em que hoje vivemos, e o sucesso que têm vindo a obter as interpretações bio-ecológicas que dele são feitas, levam-nos a alargar o leque das visões que deveremos usar para o compreender e para agir sobre ele de forma harmoniosa e sustentável. Abrimo-nos, assim, para visões fundadas na procura de coerências orgânicas entre todos e partes e na busca de abordagens que nos permitam

encarar frontalmente a complexidade, sem a empobrecer nem distorcer com simplificações e decomposições. Para não alongar em demasia a caracterização deste meu desafio, limitar-me-ei a estruturá-lo segundo as dimensões mais populares das mudanças de perspectiva induzidas pelo pensamento sistémico.

**Das partes para o todo.** Se a tradição nos conduzia a procurar compreender o mundo decompondo-o em partes, o desafio é agora o de tentar compreendê-lo, organicamente, no seu todo, na sua inteira complexidade, cientes de que o todo possui propriedades e potencialidades que não estão contidas em nenhuma das partes. Quando se fala, por exemplo, de contextos de aprendizagem e de mediação colaborativa, é para a riqueza orgânica do todo, no seu emaranhado de processos, que deveremos olhar se queremos compreender e dominar a sua complexidade sistémica. Quando nos interrogamos sobre como transformar um agregado inorgânico de pessoas numa comunidade viva de aprendentes capazes de construir, individual e colectivamente, os seus saberes, é sobre a complexidade do todo que temos de nos debruçar. Quando desesperamos ao ver desvanecer-se subitamente a colaboração que mantinha coesa uma comunidade de aprendizagem, é para o todo que teremos de olhar se quisermos compreender o que aconteceu e actuar a tempo de restituir sustentabilidade à colaboração.

**Dos objectos para os relacionamentos.** Quando falamos da criação de conteúdos para ambientes virtuais de aprendizagem, não é apenas nos conteúdos individuais que deverá centrar-se a nossa atenção, mas também, e sobretudo, nos eco-sistemas de aprendizagem, por vezes bem complexos, onde se espera que esses conteúdos vão fazer sentido. Quando, na construção de conteúdos, consideramos o aprendente como um mero actor isolado, mesmo segundo uma abordagem que virtuosamente se centre sobre ele, poderemos estar a desperdiçar, em larga medida, o grande potencial que a exploração desses conteúdos poderia representar para a sua aprendizagem. De facto, o que define, em termos sistémicos, um aprendente, não é apenas o “eu” que o caracterizava quando iniciou o acto de aprender. É, acima de tudo, a rede de relacionamentos que ele vai construindo e que o vai construindo a ele na sua interacção com o ambiente sociológico e tecnológico onde decorre a sua aprendizagem.

**Do conhecimento objectivo para o conhecimento contextual.** A visão tradicional da construção de conhecimento, baseada em processos mecânicos de “transmissão” de

saberes praticamente independente dos ambientes onde decorre a aprendizagem dá hoje lugar à construção de saberes em ambientes, ou contextos, criteriosamente concebidos para enriquecer a experiência individual e colectiva dos aprendentes. Quando se fala, hoje, de aprendizagem baseada em projectos, ou de aprendizagem colaborativa, ou quando se comenta a mutação do papel do professor, é de contextos de aprendizagem que se está a falar, e é para esses contextos, e com eles em vista, que os conteúdos devem ser concebidos e avaliados.

**Da quantidade para a qualidade.** Nos ambientes complexos e mutáveis dos nossos dias, feitos de contextos e de relacionamentos, poucas são as variáveis que conseguimos isolar e medir com rigor. O desejo de medir um conjunto restrito de variáveis, que caracterizava os ambientes de aprendizagem do passado, e de construir juízos sumativos sobre esse conjunto limitado de variáveis, dão hoje lugar ao desejo de avaliar qualitativamente, com sensibilidade e riqueza, a variedade múltipla de competências que se pretende que os aprendentes adquiram. É nesse sentido que se orientam hoje as denominadas abordagens de avaliação autêntica. O mesmo acontece com os conteúdos de aprendizagem, se quisermos avaliá-los, não em ambientes artificiais e assépticos, que nunca se encontrarão na realidade, mas sim nos contextos complexos e dinâmicos onde as aprendizagens individuais e colectivas hoje se constroem.

**Das estruturas para os processos.** Todos os sistemas sociais complexos, como os ambientes de aprendizagem, reais e virtuais, se desenvolvem e evoluem. Para os compreender, para os gerir e para produzir para eles materiais que se adequem às suas dinâmicas e especificidades é indispensável compreender os processos sociais de mudança e de transformação que lhes estão subjacentes. Não será encarando-os como estruturas fixas ou de evolução facilmente previsível que será possível explorar ao máximo o seu potencial, mas sim entendendo-os como processos complexos cujas dinâmicas deverão ser tidas em conta e cuidadosamente compreendidas. Quando se concebem, por exemplo, os conteúdos destinados a ser explorados em ambientes colaborativos flexíveis, dever-se-ão ter em conta, desde o início, não apenas um conjunto de requisitos estruturais fixos, mas também, e acima de tudo, as dinâmicas dos processos onde se prevê que esses conteúdos venham a ser explorados.

**Dos conteúdos para os padrões.** Os sistemas complexos geram novidade permanente que, por sua vez, resiste a soluções enlatadas. O desenvolvimento de conteúdos para os ambientes de aprendizagem do futuro – que são, afinal, os do presente – enfrenta desafios fascinantes que transcendem largamente os patamares da constância e da independência relativamente aos contextos. Os padrões não são imutáveis, adaptando-se, sim, à variedade e à ambiguidade. Não são passivos, desafiando, sim, em permanência, a criatividade e a capacidade de resolução de problemas. Não são medidos, mas avaliados. Não são controlados, mas adaptáveis, influenciáveis e intrinsecamente geradores de aprendizagem. Não são mecânicos, mas orgânicos. Não são susceptíveis de ser encarados como objectos, ou colecções de objectos, mas sim como espaços de agregação de potenciais relacionamentos, multiplamente adaptáveis. É essa, a meu ver, a lógica dos conteúdos/padrões que nos cabe construir para o futuro, e para os quais este livro deixa pistas.

Este é o desafio que coloco aos leitores! Talvez não para praticar numa primeira leitura, mas numa segunda, ou numa terceira, já enriquecida pelos percursos anteriores. Como o leitor calculará, nem todas as respostas se encontrarão neste livro. De facto, não se encontraram em nenhum livro. O maior mérito dos grandes livros não é o de dar respostas a tudo, mas sim o de colocar questões que nos confrontam connosco e que abrem a nossa curiosidade para o mundo. “E-Conteúdos para E-Formandos” é, sem dúvida, um livro que cumpre cabalmente essa missão.

Figueira da Foz, 7 de Agosto de 2007

António Dias de Figueiredo